

Apresentação: notas sobre diálogos e assimetrias entre o Brasil e a França

Miriam Pillar Grossi
Vinicius Kauê Ferreira
Leandro Castro Oltramari

Este livro é fruto de inúmeros diálogos produzidos em trânsito entre o Brasil e França no quadro do projeto *Gênero, sexualidade, parentesco: Um estudo comparativo entre França e Brasil*, coordenado pelas professoras Miriam Pillar Grossi (Universidade Federal de Santa Catarina) e Agnès Fine (Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales/Université Toulouse II-Le Mirail) entre 2010 e 2013. O projeto foi financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pelo *Comité Français d'Évaluation de la Coopération Universitaire et Scientifique avec le Brésil* (COFECUB), em articulação internacional que já remonta há várias décadas e que tem sido um dos principais editais de cooperação do Brasil com a França. Os trabalhos publicados aqui expressam, portanto, trocas acadêmicas que se estenderam, formalmente, por quatro anos, mas que são a expressão de diálogos anteriores entre participantes do *Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades* (NIGS) da UFSC e o *Laboratoire Interdisciplinaire Solidarités, Sociétés, Territoires* (LISST), vinculado à Maison des Sciences de L'Homme da Université de Toulouse. Essas trocas, que iniciaram em setembro de 2002, durante o Colloque Féministe Francophone realizado em Toulouse, do qual participou uma delegação de pesquisadoras da UFSC, foram a base para a submissão, em 2009, do projeto *Gênero, sexualidade, parentesco: Um estudo comparativo entre*

França e Brasil, vinculado ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC e incluindo nele outros núcleos de pesquisa da UFSC: NAVI e LEGH e NAVISUAL da UFRGS Este projeto teve inúmeros desdobramentos e se expressou em duradouras trocas intelectuais entre as e os participantes e equipes de pesquisa em diversas universidades brasileiras e francesas que levaram também à submissão de novos projetos de cooperação internacional envolvendo pesquisadoras francesas e brasileiras. Por tudo isso agradecemos à CAPES e COFECUB que financiaram as muitas iniciativas que compuseram esta empreitada científica e viabilizaram tanto a circulação das pesquisadoras e pesquisadores quanto a ampliação desta rede internacional franco-brasileira. Somos também gratas ao apoio do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas e a Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFSC e à Associação Brasileira de Antropologia pelo apoio à publicação deste e-book.

Nos cinco anos de desenvolvimento do projeto de colaboração, tivemos 16 missões de curta duração de professoras e professores vinculados às universidades brasileiras (UFSC, UFRGS e UFMT) e francesas (EHESS, Université de Toulouse II, CNRS) e foram formados 8 estudantes brasileiras de doutorado em estágios sanduíche e 4 jovens doutoras e doutores em estágios de pós-doutorado na França. Durante a realização do projeto, outras universidades brasileiras acolheram as e os pesquisadores franceses: UFRN, UFPEL, UERJ, ampliando o número de pessoas atingidas pelas missões em solo brasileiro. Na continuidade desse projeto, estudantes brasileiros e brasileiras fizeram mestrado, doutorado e estágios pós-doutorais na França e pesquisadores e pesquisadoras foram integrados em novos projetos brasileiros e franceses, projetos estes que já se estendem por uma nova década.¹

1 Entre os projetos e cooperações que tiveram continuidade, destacamos o CAPES-CO-FECUB Gênero ameaça(n)do/ Genre Menacé, iniciado em 2019 e coordenado por Anna Paula Uziel (UERJ) e Eric Fassin (Université de Paris 8) e os Colóquios Franco-Brasileiros, organizados por Julie Cavignac, na UFRN, universidade que também acolheu a equipe de pesquisadores franceses em suas missões no Brasil. Do lado francês também houve

As razões para a publicação deste livro neste momento preciso, alguns anos passados após a conclusão do projeto, não são fortuitas. Por um lado, o tempo decorrido expressa as complexidades dos diálogos possíveis entre dois países com relações acadêmicas históricas, mas ainda assim muito diferentes em suas culturas científicas, editoriais e institucionais. E cabe pontuar que tendo eles sido entretidos entre um país de tradição hegemônica e outro de tradição periférica, esses diálogos foram complexos, quando não desiguais. A língua é certamente uma questão fundamental, visto que as assimetrias de esforços no aprendizado das línguas nacionais respectivas representava um empecilho ao “diálogo”, uma vez que ele só podia existir pelo francês. Este não é um tema simples, visto que a francofonia foi e, embora em declínio, marcou várias gerações de cientistas sociais brasileiros (GROSSI; FERREIRA, 2015). Ao mesmo tempo, parece ser cada vez mais consensual entre nós, pesquisadores do Sul, que relações acadêmicas com o Norte não podem prescindir de novas *atitudes* epistêmicas e institucionais (PINHEIRO; FERREIRA, 2020). É verdade que, nos últimos anos, mudanças importantes de princípio têm despontado e a crítica a tais assimetrias tem ganhado espaço no debate acadêmico global, mas as mudanças acontecem muito lentamente, apesar da sensibilidade que alguns de nossos colegas franceses mostraram a esse respeito ao buscar aprender português e construir diálogos mais duradouros e simétricos com alguns membros de nossa equipe.

Outra expressão desta assimetria é o fato de que, infelizmente, por razões ligadas também à diferença de financiamento de projetos do lado francês, pelo COFECUB, não foi possível uma publicação equivalente a esta na França. Lamentamos este fato, pois mesmo um tradicional programa de cooperação bilateral como o CAPES-COFECUB, que completou 40 anos em 2017,² ao disponibilizar recursos menores à equipe francesa, acaba por

continuidade do projeto com intercâmbios com pesquisadores brasileiros em projetos de pesquisa e eventos nas temáticas de família, reprodução assistida e parentesco LGBT.

2 Os 40 anos do convênio CAPES-COFECUB foram celebrados na UFPE, em 2019. Disponível

reiterar as desigualdades epistêmicas que um convênio como este deveria transformar (MARTIN, 2017) e que são exigidas nos relatórios de desenvolvimento da cooperação. Portanto, profundas diferenças entre os dois sistemas acadêmicos e de divulgação científica marcam também estas relações internacionais e a edição deste livro reflete um longo processo de organização e produção editorial que envolveu a tradução, pela equipe brasileira, de todos os textos da equipe francesa ao português e uma vasta mobilização da equipe brasileira na escrita e revisão dos textos aqui publicados.

Por outro lado, a publicação tardia deste livro se justifica pelo fato de que ele visa a intervir em um momento turbulento para a ciência, mas, sobretudo, as ciências sociais no Brasil – para não mencionar muitos outros contextos. Primeiramente, cumprimos com nosso compromisso de tornar público os resultados de um projeto financiado por recursos públicos em ciência que têm se tornado cada vez mais escassos, e especialmente para as ciências sociais. Além disso, a relevância desta publicação no momento atual é reforçada pelos temas de que trata e pelos debates que promove, mais necessários do que nunca: conjugalidades gays e lésbicas, formas plurais de família, parentalidades trans, representações em torno de mulheres e LGBTs e a questão da memória e do patrimônio sob uma ótica de gênero. Este livro coletivo cumpre, assim, o papel de registro de um momento próspero para as ciências sociais brasileiras, marcado outrora pelo consequente financiamento de pesquisas em temas fundamentais para o avanço de direitos de pessoas LGBT, justiça social e equidade de gênero.

Este livro é, portanto, o resultado de mais de uma década de trocas intelectuais entre pesquisadoras e pesquisadores que participaram direta ou indiretamente deste projeto CAPES-COFECUB. Ainda a este respeito, cabe sublinhar que, se todos os textos escritos pela equipe francesa datam de 2013, alguns dos textos da equipe brasileira datam do período final do projeto, pois eles são resultados de teses de doutorado e estágios pós-doutorais

em: <https://www.youtube.com/watch?v=mqCufogxk8>.

iniciados durante a realização do projeto. Contamos com o olhar atento de nossas leitoras e nossos leitores que saberão situar cada um desses capítulos na história deste projeto científico e editorial, assim como do campo de estudos no qual ele se inscreve. Mesmo os textos mais antigos trazem contribuições importantes para o debate atual, sobretudo quando adotamos uma perspectiva comparada Brasil-França. Para melhor compreensão das principais linhas de reflexão e investigação deste projeto, organizamos o livro em quatro grandes eixos:

- I) Parentesco, Sexualidades e Reprodução LGBT
- II) Conjugalidades, Relações e Trajetórias Familiares
- III) Gênero, Imagem e Políticas de Representação
- IV) Memória, Patrimônio e Religião

Apresentamos a seguir, os capítulos que compõem cada um destes eixos:

I) Parentesco, Sexualidades e Reprodução LGBT

O primeiro eixo, *Parentesco, Sexualidades e Reprodução LGBT*, agrupa artigos que articulam as temáticas centrais do projeto CAPES-COFECUB, em torno das conjugalidades entre pessoas do mesmo sexo e das formas de reprodução de pessoas gays, lésbicas e transexuais no Brasil e na França. Os textos trazem dados e informações de diferentes momentos das lutas LGBT por reconhecimento legal de conjugalidade e parentalidade, se configurando como um registro histórico destas conquistas legais nos dois países.

O primeiro capítulo, de Jérôme Courduriès, intitulado *Os casais homossexuais na prefeitura. A propósito dos debates sobre a abertura do casamento aos casais gays e lésbicos na França*, baseia-se em uma esmerada pesquisa etnográfica em Paris e Toulouse a fim de problematizar o desejo de ter filhos como projeto parental de casais homossexuais. Relacionando o engajamento político à visibilidade homoparental, o autor tece análises profícuas sobre esta aspiração e as estratégias de ação para

sua realização. Ao privilegiar uma análise que pensa o projeto de paternidade e maternidade à luz das estratégias políticas de visibilidade, o antropólogo renova o campo de estudos da homoparentalidade.

Na continuidade, o texto de Flávio Luiz Tarnovski, intitulado *Tornar-se pai homossexual na França: a construção social do desejo de ter filhos*, aborda também a experiência da paternidade homossexual na França com dados de pesquisa realizada nos anos 2000. Ele faz uma significativa revisão de literatura apontando os desafios para tornar-se pais encontrados por homens homossexuais e restitui uma densa pesquisa de campo com vinte e três pais homossexuais vivendo em Paris e Toulouse. O artigo problematiza a motivação destes homens para o exercício da paternidade, a temporalidade própria à realização deste projeto e a coparentalidade, prática assumida por gays e lésbicas como estratégia reprodutiva para poder conceber e criar seus filhos.

No texto *Sob o mesmo teto? Discussões sobre família e homossexualidade no Brasil*, Claudia Regina Nichnig e Miriam Pillar Grossi refletem sobre o reconhecimento familiar das relações homoafetivas, acordando um lugar central às tensões que constroem estas relações de afetos. Trata-se de um texto que retraça a longa discussão sobre a temática no Brasil, que inicia nos anos 1990, revisitando a luta pelo direito de pessoas do mesmo sexo de terem suas relações de conjugalidade reconhecidas pelo Estado.

O artigo de Anna Carolina Horstmann Amorim, intitulado *Quando lésbicas decidem ter filhos: um debate sobre parentesco e política na França*, reflete sobre parentesco, saúde reprodutiva e a autonomia das mulheres. Seu texto, com dados da década de 2010, inicia registrando o drama social vivido em 2020 no Brasil em torno de um caso de aborto legal de uma menina de 10 anos, estuprada por seu tio. Os exemplos analisados pela autora são uma importante contribuição para a análise dos retrocessos das políticas públicas que interferem diretamente na vida reprodutiva e familiar das populações, desde o impeachment da presidenta Dilma Rousseff que levou à presidência Michel Temer em 2016 e eleição em 2018 de Jair Bolsonaro.

Na continuidade, temos duas contribuições importantes que abordam questões trans. Crishna Mirella de Andrade Correa, em seu texto *O nome, os/as trans e os parentes*, apresenta a complexa problemática envolvendo a autoconstrução e o reconhecimento público do nome das pessoas trans, que no Brasil é reconhecido como *nome social*. A autora aborda as rupturas, assujeitamentos, estratégias e dilemas que enfrentam na adoção do nome que escolhem, normalmente à revelia de suas famílias. Ela inscreve sua análise no campo da Antropologia do Parentesco, buscando, nesse tradicional campo, importantes chaves heurísticas para a compreensão de um fenômeno ainda marginal no interior da nossa disciplina.

Finalizando este primeiro eixo, no âmbito das questões trans, Simone Ávila e Miriam Pillar Grossi trazem, em seu artigo *A questão trans na França e no Brasil: tão longe e tão perto!*, uma instigante discussão comparativa sobre como a temática trans era abordada no início dos anos 2010 nos dois países. As autoras apontam diferentes perspectivas e desafios que a questão suscita tanto no campo acadêmico quanto no campo político e na atuação dos movimentos sociais em cada um dos dois países. Tais diferenças iam desde questões conceituais até pautas de reivindicações e apontavam para avanços e retrocessos das reivindicações da população trans nos dois contextos nacionais.

II) Conjugalidades, Relações e Trajetórias Familiares

O segundo eixo inicia com artigo de Agnès Fine, *Apadrinhamento e relações familiares na sociedade francesa contemporânea*, que problematiza, por meio de um estudo histórico e etnográfico, as relações de apadrinhamento na França. Relações que detêm importante lugar no campo do parentesco, pois se configuram como forma de aprofundamento de relações entre irmãos e irmãs e o prolongamento dos laços familiares a amigos dos pais. A prática de escolher padrinhos e madrinhas entre amigos próximos ou irmãos e irmãs dos pais da criança tem nas mulheres as protagonistas na

consolidação, ampliação e manutenção das relações inter e intrafamiliares por meio destas relações de apadrinhamento que implicam também relações de compadrio e, portanto, de apoio mútuo.

Na continuidade, o texto de Leandro Castro Oltramari, intitulado *Conjugalidade, gênero e sexualidade: um estudo sobre a produção bibliográfica francesa*, percorre, por meio da revisão da literatura francesa, uma série de discussões referentes às mudanças no que diz respeito à sexualidade no interior das relações conjugais. Estes textos abordam um processo histórico crescente de centralização da vida privada na conjugalidade, sublinhando especialmente o sentimento de amor como projeto a ser constituído pelo casal e a sexualidade como esfera central e partilhada entre ambos. Também identifica práticas emergentes, mas ainda periféricas, em novos panoramas conjugais, chamadas de *sexualidades recreativas*, onde o casal abre a possibilidade de viver experiências sexuais com outras pessoas. Assim, a sexualidade, mais do que a reprodução, passa a ser um elemento fundamental para a efetividade – e mesmo longevidade – do projeto conjugal na contemporaneidade.

Agnès Martial, em *Paternidades contemporâneas e novas trajetórias familiares*, aborda a temática das paternidades “solo” e das políticas públicas para este tipo de família monoparental na França, mostrando a complexidade da relação do Estado com formas não hegemônicas de família.

Claudia Fonseca, em *Lucro, cuidado e parentesco: a desfiliação de mães de nascimento*, problematiza as práticas internacionais de adoção, discutindo o quanto estas têm sido influenciadas por fluxos e políticas de imigração internacional. A autora traz uma reflexão profunda sobre quanto o fenômeno da adoção está relacionado tanto à vulnerabilidade dos “pais de nascimento”, quanto às representações neoliberais que articulam recursos econômicos e moralidades que definem esta “economia política do parentesco” que se desenvolve no início do século XXI.

Encerra este eixo o artigo de Vinicius Kauê Ferreira, intitulado *A casa e o mundo: família e trajetórias educacionais entre pesquisadores*

indianos na Europa, no qual o autor restitui, a partir de uma pesquisa etnográfica multissituada, a situação de pesquisadores indianos em Ciências Sociais que buscam construir uma carreira acadêmica na Europa. Ele aponta para a importância das famílias na constituição das trajetórias educacionais dos acadêmicos estudados, principalmente de jovens de camadas médias e altas, mas também nas trajetórias de ascensão social e inclusão universitária enquanto possibilidade de mobilidade familiar de jovens de camadas sociais marginalizadas na Índia.

III) Gênero, Imagem e Políticas de Representação

O terceiro eixo deste livro, intitulado *Gênero, Imagem e Políticas de Representação*, inicia com um artigo de Carmen Rial, *A memória do futebol praticado por mulheres: semelhantes trajetórias no Brasil e na França?* Nele, a autora se debruça sobre a discussão acerca do sexismo em um dos esportes mais populares do mundo, e certamente o mais popular no Brasil, o futebol. Por meio de uma abordagem comparativa entre o Brasil e a França, ela problematiza como a “paixão nacional” brasileira carrega consigo estereótipos de gênero recorrentes e como estes são atizados culturalmente quando se trata de futebol feminino. Como aponta, questões como papéis sociais de feminilidade e masculinidade são muito presentes nos relatos de memórias das atletas em ambos os países.

No artigo de Daniela Novelli e Cristina Scheibe Wolff intitulado *Entre Gisele Bündchen e Sofia Coppola: discursos intergeracionais em Vogue (Brasil e Paris)*, as autoras abordam as relações intergeracionais de mulheres célebres como Gisele Bündchen e Sofia Coppola. Ambas foram construídas como ícones pop em uma época na qual as relações de gênero são desiguais. Aproximando o campo da moda e do cinema contemporâneos, as autoras navegam pelas representações mais comuns em cada país por meio das publicações da revista Vogue entre 2003 e 2005, apontando para as práticas sociais de gênero segundo aquilo que elas chamam de “relatos midiáticos da escritura feminina”.

Melina de la Barrera Ayres e Carmen Rial, em artigo intitulado *Ser gay na telenovela: refletindo sobre as intersecções de gênero, raça, idade e classe social em Insensato Coração*, abordam uma temática muito presente na cultura popular nacional: as telenovelas. O artigo apresenta uma importante problematização sobre a homossexualidade a partir de uma novela transmitida em horário nobre intitulada *Insensato Coração*. Utilizando a metodologia de “etnografia de tela”, as autoras estudam as representações de gênero expressas na construção das personagens homossexuais, cruzando com diferentes marcadores sociais da diferença como gênero, raça, idade e classe social na produção de representações sobre homossexualidades.

O capítulo de Cornelia Eckert, intitulado *Narrativas de experiências etnográficas com imagens nas cidades brasileiras*, escrito para apresentação em uma das missões da equipe brasileira em Toulouse, relaciona antropologia urbana e antropologia da imagem, a vida cotidiana do sujeito da *urbe* em seus deslocamentos e formas de ser. Por meio de um acervo com imagens fotográficas e cinematográficas, assim como etnofotografias e outros recursos imagéticos embasados em etnografias, ela familiariza os acadêmicos franceses, sejam estudantes ou professores, com a experiência da antropologia visual e urbana brasileira.

IV) Memória, Patrimônio e Religião

O quarto e último eixo desse livro, intitulado *Memória, Patrimônio e Religião*, traz textos que abordam temáticas que articulam os campos disciplinares da História e Antropologia na análise de documentos e representações sobre gênero e família na França e no Brasil.

O texto *Tensões da memória: ditadura militar brasileira e a narrativa de mulheres*, de Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff, aborda, a partir de uma leitura de gênero, um tema fundamental para a historiografia brasileira: as memórias da ditadura. As autoras tratam da narrativa de mulheres militantes de esquerda que participaram da resistência à ditadura

militar e suas relações com os movimentos feministas. Essa análise torna-se ainda mais importante em um momento de nossa história em que lideranças nacionais brasileiras homenageiam como herói um dos homens que violentava e torturava de forma confessa mulheres militantes presas na ditadura.

Também nesse último eixo, Sylvie Mouysset, em seu texto intitulado *Documentos de família: uma identidade construída? O exemplo de livros de razão franceses*, interessa-se pelo modo como as memórias de família são registradas em cadernos familiares e transmitidas de geração em geração. A autora desenha padrões que estão presentes em relatos da história familiar quando feitos pelos homens, argumentando que as mulheres estavam virtualmente excluídas do dever de registrar as memórias familiares. Ela mostrará exceções nesta prática, como quando da morte dos homens da família ou ainda quando estes estavam temporariamente ausentes. Mouysset demonstra, assim, como as mulheres eram excluídas da responsabilidade de transmitir a história da própria família.

Na continuidade, temos o texto de Sylvie Sagnes, intitulado *A paixão genealógica na era das novas formas de parentesco: verdadeiro ou falso paradoxo?* Neste capítulo, a autora aborda a produção de genealogias familiares como prática muito comum na Europa. Lançando mão de uma análise histórica do surgimento desta prática, que auxiliava na constituição moral e ética de seu grupo social, a autora narra as mudanças que a produção de genealogias tem sofrido em tempos atuais. Ela explora como em tempos de internet são produzidas novas formas de constituição de genealogias por parte das pessoas interessadas nesta temática.

Nicolas Adell, em *As viradas do patrimônio*, analisa os tensionamentos envolvendo discussões identitárias na “dimensão moral do patrimônio”, problematiza políticas da UNESCO enquanto pesquisador do campo das ciências humanas e sociais. O autor aponta para importantes contradições e tensões conceituais próprias ao campo do patrimônio e o modo como estas têm influenciado as relações com os chamados povos “exóticos” ou “primitivos”, problematizando conceitos caros ao campo do Patrimônio como o de Monumentos Históricos e Patrimônio Cultural Imaterial.

Encerramos este quarto eixo e o livro com dois artigos que abordam um tema pouco explorado na literatura feminista: a construção social do gênero em experiências religiosas católicas. Os textos de Danielle Rives e Miriam Pillar Grossi trazem elementos históricos e etnográficos da construção histórica da vocação religiosa feminina em conventos da França e do Brasil.

Danielle Rives, em *A iniciação religiosa. Vestição e metamorfose identitária: usos e símbolos de um rito de passagem*, aponta para uma perspectiva histórica de análise de como o hábito religioso feminino demonstra como é vestimenta que conforma os corpos das mulheres religiosas, “generificando-os”. Ela apresenta como se dá o processo de transformação das mulheres religiosas por meio da ritualização do uso do hábito. Rives demonstra, a partir de exemplos franceses, que esta mudança não é apenas simbólica, mas também corporal: trata-se de um cuidado para que as partes do corpo que possam expressar feminilidade sejam devidamente negligenciadas.

Dialogando com a reflexão de Rives, o capítulo de Miriam Pillar Grossi, *Tornar-se freira: etnografia dos rituais de passagem da vida religiosa feminina no Brasil*, analisa a construção da carreira religiosa no Brasil, a partir de uma perspectiva antropológica, descrevendo tanto os rituais de vestição praticados em congregações religiosas femininas no sul do Brasil quanto as diferentes etapas de iniciação das jovens freiras.

Finalizando esta apresentação, esperamos que a leitura dos capítulos deste livro possa ser útil para pesquisadoras e pesquisadores interessados em questões de gênero, sexualidade, parentesco, memória e patrimônio em perspectiva comparada entre Brasil e França. Somos gratos às e aos colegas autores e autoras e pareceristas que participaram deste projeto e da construção deste livro. Certamente, nosso projeto CAPES-COFECUB Gênero, sexualidade, parentesco: Um estudo comparativo entre França e Brasil resultou em significativas parcerias internacionais que continuam a estimular debates e trocas de saberes guiados por perspectivas decoloniais de equidade na produção intelectual do campo de estudos de gênero e

sexualidade. Não há dúvida, e os textos publicados aqui o demonstram, que deste projeto emergiu e se consolidou entre as equipes participantes uma pauta científica eticamente engajada com temáticas fundamentais à sociedade contemporânea. Neste sentido, esta obra se constitui como o relato de um tempo histórico acadêmico: um tempo onde se buscou construir redes de cooperação internacionais mais igualitárias e nas quais a interdisciplinaridade, em particular do campo dos estudos de gênero, é uma marca e uma perspectiva epistêmica fundamental para compreender as relações sociais contemporâneas. Desejamos a todas, todos e todes, uma ótima leitura e muita inspiração para novos trabalhos que deem continuidade às questões aqui abordadas.

Referências

FERREIRA, Vinicius Kauê; PINHEIRO, Claudio Costa. “Anthropology with a Southern Attitude: An Interview of Cláudio Costa Pinheiro by Vinicius Kauê Ferreira”. *American Anthropologist*, v. 122, p. 678-683, 2020.

GROSSI, Miriam Pillar; FERREIRA, Vinicius Kauê. “Toward Linguistic Diversity in Anthropology”. *American Anthropologist*, v. 117, p. 152-153, 2015.

MARTIN, Eloisa. “Current Sociology and the challenges of inequality in academia: 65 years forging spaces of intelligibility”. *Current Sociology*, v. 65, n. 3, p. 327-335, 2017.